



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO- CEDUC
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

LUIS CARLOS DE ARAUJO SOUSA

**O MUSEU HISTÓRICO E CULTURAL DE CABACEIRAS: NARRATIVAS E
MEMÓRIAS DE UMA CIDADE NO CARIRI PARAIBANO (2002-2015)**

**CAMPINA GRANDE – PB
2015**

LUIS CARLOS DE ARAUJO SOUSA

**O MUSEU HISTÓRICO E CULTURAL DE CABACEIRAS: NARRATIVAS E
MEMÓRIAS DE UMA CIDADE NO CARIRI PARAIBANO (2002-2015)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação de História da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de Licenciatura em História

Orientador (a): Bruno Rafael de Albuquerque
Gaudêncio

CAMPINA GRANDE – PB
2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S725m Sousa, Luis Carlos de Araujo
O Museu Histórico e Cultural de Cabaceiras [manuscrito] :
narrativas e memórias de uma cidade no Cariri Paraibano (2002-
2015) / Luis Carlos de Araujo Sousa. - 2015.
23 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque
Gaudêncio, Departamento de História".

1. Museu Histórico e Cultural 2. Cabaceiras - PB 3.
Memória 4. Narrativa I. Título.

21. ed. CDD 069.09

LUIS CARLOS DE ARAUJO SOUSA

**O MUSEU HISTÓRICO E CULTURAL DE CABACEIRAS: NARRATIVAS E
MEMÓRIAS DE UMA CIDADE NO CARIRI PARAIBANO (2002-2015)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação de História da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de Licenciatura em História.

APROVADO EM: 19/06/2015

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio
Prof Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio/Orientador - UEPB

Rozeane Albuquerque Lima

Profa. Me. Rozeane Albuquerque Lima – Examinadora/ UEPB

Aparecida Barbosa da Silva
Profa. Me. Aparecida Barbosa da Silva – Examinadora/UEPB

CAMPINA GRANDE – 2015

O MUSEU HISTÓRICO E CULTURAL DE CABACEIRAS: NARRATIVAS E MEMÓRIAS DE UMA CIDADE NO CARIRI PARAIBANO (2002-2015)

SOUSA, Luis Carlos de Araújo¹

RESUMO

O presente trabalho é fruto de uma análise realizada junto ao Museu Histórico e Cultural de Cabaceiras com o objetivo de compreender quais são as narrativas que o mesmo passa para o público visitante. Ao longo do texto, fazemos um apanhado geral acerca da origem dos museus bem como traçamos uma discussão teórico-metodológica com o intuito de entendermos alguns conceitos que nos ajudaram e são fundamentais na compreensão do estudo. Termos como Patrimônio Cultural, Lugares de Memória, Narrativas, Museu Histórico são imprescindíveis para que possamos compreender essa escrita. Autores como Pierre Nora (1993), Elisa Guimarães Ennes (2008), Rafael da Silva Alves (2009), Myrian Sepúlveda dos Santos (2006), entre outros, foram essências para o entendimento de tais conceitos. É feita ainda uma descrição do objeto de estudo, analisando desde o processo de formação até a estrutura física do referido Museu. Neste sentido buscamos contribuir para os estudos referentes ao campo dos museus, compreendendo as narrativas que passam, bem como colaborar para futuras pesquisas na referida instituição, tendo em vista que este estudo é pioneiro nesse tema na cidade de Cabaceiras.

PALAVRAS-CHAVE: Museu Histórico de Cabaceiras, Narrativas, Memórias.

¹ Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

1. INTRODUÇÃO

Datar com precisão a origem dos museus não é algo fácil, poderíamos até dizer que é impossível. Segundo Suano (1986) o termo museu deriva do grego Mouseion, que era a casa das musas, filhas de Zeus com Mnemosine, a Deusa da Memória. Ao longo do tempo o termo foi adquirindo novos significados. Durante a Idade Média o termo museu foi pouco utilizado, sendo retomado por volta do século XV, quando o colecionismo tornou-se moda na Europa, formando desse modo as “grandes coleções principescas e reais do Renascimento que vão dar origem à instituição “museu” que conhecemos hoje.” (SUANO, 1986: 21).

No Brasil o surgimento de instituições museológicas dá-se no século XIX, a partir da iniciativa de D. João VI, que cria o museu Real, no ano de 1818, cujo acervo era composto de peças doadas pelo monarca (JULIÃO, 2006). Ao longo do século XIX outras instituições foram criadas no Brasil, mas os museus até então inaugurados seguiam uma tendência mundial, eram os chamados museus enciclopédicos, cujas pesquisas eram voltadas para as áreas das ciências naturais (Idem, 2006).

No que diz respeito ao Museu de caráter Histórico, só a partir da década de XX o Brasil terá um arcabouço museológico voltado para essa tipologia. Com a criação do Museu Histórico Nacional, “fatores como nação, pátria e história ganharam evidência museológica no país, buscando, através da cultura material, uma representação da nacionalidade brasileira” (ALVES, 2009).

No senso comum, ainda nos dias de hoje, é fácil encontrar pessoas que definam o museu como um espaço obsoleto, que guarda coisas inúteis que em nada mais podem ser aproveitadas, local de quinquilharias, etc. Percebemos que este pensamento faz parte de “um mundo que se transforma a cada segundo, tornando anacrônico o que acabou de ser criado, apagando os rastros do passado e desprezando a tradição e a memória” (SANTOS, 2006, p.16).

Essa herança nos foi deixada ainda por conta das restrições feitas ao público nas primeiras instituições, tendo em vista que como atesta Suano (1986) muitos colecionadores tinham riquíssimas coleções para seu próprio deleite ou normalmente o acesso a tais acervos era restrito a amigos ou familiares.

Pensando um pouco nesse contexto da origem da Instituição Museu, o presente trabalho surgiu da curiosidade de se trabalhar as memórias e narrativas que o Museu Histórico e Cultural de Cabaceiras apresenta, tendo em vista que o mesmo está instalado na cidade desde o ano de 2002 e ainda não há trabalhos que versem sobre tal temática.

Ao assumirmos a Chefia da Divisão de Cultura no município de Cabaceiras no ano de 2013, foi-nos incumbida à missão de coordenarmos também o museu desta cidade, instituição esta que em seu decreto de criação é classificado enquanto Museu Histórico. Este fato nos inquietou de tal modo que buscamos analisar quais as narrativas históricas que tal estabelecimento passa para o público visitante de outras localidades e para a população local, e para estes últimos tentar compreender se o museu se constitui como um lugar de memória.

Para que pudéssemos tecer tal escrita recorremos a História Cultural, a qual nos fornece subsídios para trabalharmos com tal temática, bem como a autores que versam e discutem sobre temas oportunos para entendermos nosso trabalho, os quais seriam: Museu, Lugar de Memória, Patrimônio Cultural e Narrativas.

Ao debruçarmos em nossa pesquisa, sentimos algumas dificuldades em relação às informações acerca de nosso objeto de estudo, o Museu Histórico e Cultural de Cabaceiras, tendo em vista que são poucos os documentos existentes que se refiram ao mesmo em seu órgão mantenedor, a Prefeitura Municipal de Cabaceiras. Desse modo a maioria das informações conseguidas foram adquiridas em entrevistas realizadas com os dois ex-diretores que já estiveram a frente de tal instituição.

Realizamos diversas visitas a tal instituição para entendermos qual a dinâmica proposta pelo referido museu, bem como conversamos com funcionárias que trabalham como guias no local de pesquisa. Analisamos também o termo de criação do museu, constatando assim algumas dicotomias entre o que está escrito em tal documento em relação a atual situação do estabelecimento.

Nosso trabalho está dividido em quatro partes. Na primeira traçamos uma discussão teórica com autores de suma importância para a escrita de tal texto. Seguindo de uma apresentação da história de Cabaceiras – PB, município sede do museu analisado. Nas duas últimas partes analisamos o museu em si, utilizando fotografias de modo a ilustrar o que falamos, estudando o documento de criação e contrapondo as falas dos entrevistados para que possamos compreender a narratividade passada pelo museu Histórico e Cultural de Cabaceiras.

2. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Nos dias atuais trabalhar com o conceito de patrimônio cultural tem possibilitado uma abrangência maior de bens culturais. “Até a primeira metade deste século, praticamente, patrimônio cultural foi sinônimo de obras monumentais (BARRETO 2000, P.9)”, todavia atualmente esse conceito tem se ampliado de modo que quando se fala em patrimônio cultural podemos defini-lo como “o conjunto de todos os utensílios, hábitos, usos e costumes, crenças e forma de vida cotidiana de todos os segmentos que compuseram e compõem a sociedade” (IBDEM, p. 11)

Aproveitando esta esteira que traz a mudança no sentido deste termo, é que inserimos também nosso estudo, entendendo o museu como um patrimônio cultural da cidade. Não somente o prédio que abriga o Museu em questão, que como vemos a seguir, é um casarão do início do século XX, mas o acervo do museu, suas narrativas, estas também constituem-se enquanto patrimônio cultural.

Os Museus Históricos são instituições que resguardam histórias, que trazem informação e envolvem o público de tal modo que tornam-se um espaço mágico, encantador que leva o visitante a viagens no tempo, que o reportam a épocas memoráveis as quais não vivenciaram, mas sentem-se envolvidos nessa aventura de voltar ao passado.

Ao observemos a definição de Museus para dois órgãos que trabalham com estas casas de memória observamos algumas semelhanças e diferenças.

Para o IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus):

Os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. Os museus são conceitos e práticas em metamorfose. (IBRAM, 2013)

Já o ICOM (Comitê Internacional de Museus), temos:

Instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade. (ICOM, 2001)

Percebemos que para o IBRAM, museus são lugares que guardam a memória de um povo, de uma dada comunidade, etc., aproximando-se assim dos lugares de memória que Pierre Nora defende em seu célebre texto *“Entre memória e história: as problemáticas dos lugares”*, no qual ele discute acerca desta temática. Ainda sobre a definição do Ibram, notamos a importância que os Museus representam para a sociedade, uma vez que são “portas que ligam e desligam mundos”, proporcionando ao visitante uma visão ampla de um contexto histórico que se não foi vivido, pode ser sentido pelo visitante.

No que se refere a definição do ICOM, também nos reporta a entendermos o quão são importantes os museus para nossa atualidade, tendo em vista que os mesmos guardam e conservam testemunhos da sociedade para o deleite da mesma, isso pelo fato de serem lugares de memória. Ennes (2008) afirma tal fato, quando diz que o museu

É um espaço construído não apenas fisicamente, mas também simbolicamente, e pode ser entendido como espaço do imaginário,.. Os museus devem ser observados como espaços delimitadores e contextualizadores, que atuam na construção de memórias”

. (ENNES, 2008, p. 12)

No nosso estudo, o museu em questão é de tipologia histórica, o qual segundo Myrian Sepúlveda dos Santos são “instituições que, além da preservação, guarda, estudo e divulgação do acervo, têm como objetivo (...) apresentar ao público a história da nação” (SANTOS, 2006, p. 20). Outra contribuição importante para nosso estudo nos é dada por Rafael da Silva Alves, para ele o museu histórico busca transmitir o conhecimento através da história e da memória.

Sendo assim, essa tipologia de museu tem uma contribuição muito importante para a localidade na qual está inserida, sendo possível também perceber sua importância para a continuidade da memória de um povo, discussão esta que vários autores e órgãos citam bastante, como pudemos notar.

No que tange os estudos de memória, a contribuição mais significativa para este trabalho é a dada pelo historiador francês Pierre Nora (que comentamos anteriormente), na qual ele define lugares de memória enquanto lugares em todos os sentidos do termo, indo do objeto material e concreto, ao mais abstrato, simbólico e funcional, simultaneamente e em graus diversos. Tais aspectos devem coexistir sempre:

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um

minuto de silêncio, que parece o extremo de uma significação simbólica, é, ao mesmo tempo, um corte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, a um lembrete concentrado de lembrar. Os três aspectos coexistem sempre (...). É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por pequeno número uma maioria que deles não participou. (NORA, 1993, p.21-22)

Compreendendo o conceito percebemos que no caso de museus históricos como o de Cabaceiras (nosso objeto de pesquisa), as dimensões abstratas, simbólicas e funcionais coexistem, caracterizando enquanto um lugar de memória para a cidade e sua região. Formada a partir de interesses, como veremos a seguir o Museu Histórico e Cultural de Cabaceiras inserem-se num contexto de formação de uma identidade cultural local.

Outra discussão importante para este trabalho refere-se à relação entre memória e história oral. Sabemos que a oralidade é uma das ferramentas mais antigas e importantes para se trabalhar sobre história, porém seu uso como ferramenta foi muito discutido e marginalizado por varias vertentes da historiografia durante várias décadas. Porém com a ascensão de novas abordagens teóricas para o conhecimento histórico, a oralidade obteve seu reconhecimento.

Desta forma, seguindo um caminho de obter informações a partir de depoimentos orais, fizemos a opção pelo uso da história oral, enquanto técnica e enquanto metodologia, buscando a partir dos discursos dos nossos entrevistados, os dados necessários sobre as questões referentes ao histórico do Museu Histórico e Cultural de Cabaceiras.

3. DADOS E ANÁLISE DA PESQUISA

3.1. BREVE HISTÓRICO DA CIDADE DE CABACEIRAS

O município de Cabaceiras está localizado na região do Cariri Oriental, no interior do Estado da Paraíba. Segundo o censo do IBGE, a estimativa da população da cidade atualmente é de 5386 habitantes para o ano de 2014. Segundo nos fala Padre Léo Denis (1985) a história do município de Cabaceiras tem origem por volta do ano de 1665, quando Antônio de Oliveira Lêdo adentra o interior da Paraíba com o intuito de estabelecer fazendas de criar gados. Chegando à Serra de Carnoió, atual município de Boqueirão, ficando ali morada. Ao chegar nessas terras Antônio de Oliveira Lêdo encontra uma tribo de índios instalada, eram os *Cariris*, nome que mais tarde veio denominar a microrregião onde está situada Cabaceiras (RODRIGUEZ, 2000).

Diversos registros foram deixados pelas populações nativas no município de Cabaceiras, registros estes que vão desde pinturas rupestres até artefatos feitos pelo homem que habitava estas terras, alguns destes registros encontram-se hoje no Museu Histórico e Cultural de Cabaceiras.

Os Oliveira Lêdo receberam sesmarias por parte da coroa portuguesa com o intuito de povoarem tais terras devolutas, vindo após Antônio também Pascásio de Oliveira Lêdo, o qual auferiu terras onde montou uma fazenda chamada Cabaceira. A partir do século XVIII as terras da então fazenda foram vendidas a Antônio Ferreira Guimarães e Domingos de Farias Castro, os quais resolveram marcar um encontro, partindo cada qual de sua propriedade, e no local onde se encontrassem construiriam uma capela em homenagem a Nossa senhora da Conceição. Assim foi feito e o local do encontro deu origem a atual Igreja Matriz de Cabaceiras, em torno da qual espalhou-se o povoado que originou a cidade.

No século XIX, no ano de 1833 o arraial de Cabaceiras foi transformado em distrito de Campina Grande e em 1835 alcançou sua emancipação política, elevando-se a categoria de Vila. (Idem, p. 18). A origem do nome Cabaceiras deriva-se de uma vasta vegetação nativa de cabaças, um fruto típico desta região, e que havia em abundância nas terras do atual município na época de sua criação.

A arquitetura do município de Cabaceiras chama a atenção por manter suas características originais ainda bem conservadas, marcadas por um estilo neoclássico, boa parte do centro histórico do município foi erguido entre os séculos XVII e início do XX, características estas que, somando-se as questões naturais como a boa qualidade da iluminação natural por conta do sol radiante na cidade chamou a atenção de vários cinegrafistas que escolheram Cabaceiras como cenário de suas produções.

Mais de vinte produções já tiveram Cabaceiras como cenário, dentre as quais se destacam *“O Auto da Compadecida” de Guel Arraes*, *“Cinema Aspirinas e Urubus” de Marcelo Gomes*, *“Canta Maria” de Francisco Ramalho Júnior*, e *“Romance” de Guel Arraes*.

A primeira produção gravada em Cabaceiras data do ano de 1924, *“A Ferração dos Bodes”* de Walfredo Rodrigues, vindo após estas diversas produções a serem produzidas no município. Devido a esta grande quantidade de gravações tendo o município como cenário, no ano de 2007 foi criado o Projeto *“Roliúde Nordestina”*, contemplado pelo BNB de cultura edição de 2007, cujo objetivo de valorizar e fomentar a produção cinematográfica e audiovisual no município, além de destacar o nome de Cabaceiras como uma cidade cenário em nosso país.

Neste projeto consta a instalação do letreiro “ROLIÚDE NORDESTINA”, localizado na entrada da cidade e ainda a construção do “*Memorial cinematográfico Roliúde Nordestina*” um espaço reservado à memória do cinema em Cabaceiras, localizado em um prédio do centro Histórico de Cabaceiras, que serviu inclusive de cinema nos anos de 1970.

Importante destacar que nos anos de 1920, Cabaceiras contava com sua primeira sala de cinema, o primeiro local fixo onde eram exibidas fitas de Cowboy e de Charles Chaplin, estas eram as mais famosas e de maior audiência, localizado na atual Rua Coronel Manoel Maracajá, onde hoje se encontra a residência do saudoso Luís do Banjo². Este era um cinema mudo, que fora estabelecido por Deusdedit Gomes Pereira e cujo projecionista era um cabo da milícia pernambucana, da cidade de Caruaru. A entrada mais barata era a de segunda feira.

O velho cinema durou por quase dez anos, quando então fechou as portas de vez. Mas até a década de 1970 vários filmes eram projetados em Cabaceiras no Clube Atlético Cabaceirense, (atual Memorial Roliúde Nordestina, mencionado anteriormente), por vários empresários do ramo da cinematografia oriundos de Campina Grande, sempre nos finais de semana e quase todas as segundas, dia da feira na cidade.

Além da questão cinematográfica, Cabaceiras também atrai turistas de diversas partes do país e do mundo por contar de suas belezas naturais, pois apesar de ser uma das cidades mais secas do país, a vegetação cinza e seca da caatinga não tira o brilho que alguns locais, a exemplo do Lajedo de Pai Mateus um dos sítios arqueológicos, apresenta, recebendo visitantes o ano inteiro.

3.2 CONSTRUINDO UM LUGAR DE MEMÓRIA: A FUNDAÇÃO DO MUSEU DE CABACEIRAS

As atividades que deram origem ao Museu Histórico e Cultural de Cabaceiras tiveram início no ano de 2001, quando o então prefeito na época, Arnaldo Júnior³, contratou uma equipe coordenada por Balduino Lélis⁴, Historiador e Vice Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Cariri Paraibano, para fundar em Cabaceiras uma instituição museológica, algo que até então não nunca existira no município. O Museu foi implantado no ano de 2002,

²Luís do Banjo foi um músico cabaceirense.

³ Prefeito do município de Cabaceiras por dois mandatos, governou a cidade entre os anos de 1997 a 2004.

⁴ Balduino Lélis é um Historiador autodidata natural da cidade de Taperoá, Cariri paraibano. Ele é Fundador e vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico dos Cariris Paraibanos. Além do museu de cabaceiras, trabalhou na elaboração de mais treze museus espalhados pelo Estado da Paraíba.

através do decreto 039/2002, de 11 de novembro do mesmo ano, que dispunha sobre a implantação da referida instituição.

Por se tratar de uma instituição vinculada e mantida pela Prefeitura de Cabaceiras, por intermédio da Secretaria de Educação, Cultura e Desportos, que delega a Divisão de Cultura a incumbência de se responsabilizar pelo Museu, o chefe dessa Divisão torna-se automaticamente diretor do órgão. Até o presente momento apenas três diretores estiveram a sua frente, sendo eles Paulo Noberto de Castro Silva⁵ (2002 a 2004), Paulo Sérgio Guimarães de Aguiar Campos⁶ (2005 a 2012) e atualmente Luis Carlos de Araujo Sousa, que assumiu o cargo em 2013 e está até os dias atuais.

Ao observarmos o decreto de criação do Museu Histórico de Cabaceiras, vemos que a finalidade do mesmo era a

preservação dos registros históricos, paleontológicos, arqueológicos, artísticos, culturais e ambientais, proporcionando aos estudantes, turistas e a população em geral mais um local de referência para ampliação dos conhecimentos (DECRETO 039/2002 de 11 de novembro de 2002.).

Por um lado percebemos nesse decreto que possibilitou a função do Museu de Cabaceiras está em consonância com as definições de museus, tanto para o IBRAM, quanto para o ICOM, já definidas anteriormente em nosso trabalho, tendo em vista que o mesmo busca preservar a história, conservando e proporcionando ao público um espaço para aquisição de conhecimentos, por outro sentimos a ausência, neste documento, da parte, ou função social do museu, o qual é classificado como um lugar para deleite da sociedade para os tais órgãos retromencionados.

Em conversa com Paulo Sérgio Guimarães de Aguiar Campos, vulgo Paulinho de Cabaceiras, ex-diretor da instituição, o mesmo nos falava que fez parte da equipe que fundou o Museu em Cabaceiras, auxiliando Baudolino Lélis na aquisição de peças para a construção do acervo. Além de Paulinho também fizeram parte dessa equipe os historiadores George Gomes e Izabel Castro, o poeta e historiador Antônio Mariano e Paulo Noberto de Castro, então Chefe da Divisão de Cultura do município, que veio a tornar-se diretor da instituição.

Paulinho complementou também no que diz respeito a finalidade do referido Museu, para ele o grande objetivo era a de “resgatar a história do município de Cabaceiras como um todo”. Já em entrevista realizada com Paulo Noberto, o mesmo fez questão de enfatizar o

⁵ Paulo Noberto de Castro Silva é um pesquisador e Historiador cabaceirense. Foi Chefe da Divisão de Cultura no município de Cabaceiras de 2000 a 2004 e diretor do Museu entre os anos de 2002 a 2004.

⁶ Paulo Sérgio Guimarães de Aguiar Campos é um Historiador, Pesquisador, Poeta e Memorialista Cabaceirense. Foi Chefe da Divisão de Cultura e Diretor do Museu entre os anos de 2005 e 2012.

caráter pedagógico da instituição, segundo o mesmo, uma das principais funções do Museu seria pesquisar a história do município e trabalhar junto as escolas de forma pedagógica.

A política de doação assumida pelo Museu de Cabaceiras estava prevista também no decreto de criação, no qual afirmava que as doações uma vez operadas assumiam caráter definitivo e passariam a fazer parte do patrimônio cultural do município, devendo ser registradas em livro próprio de tombamento, recebendo o doador um Certificado de Identidade Cultural, tendo em vista que estariam contribuindo para o enriquecimento cultural do Museu.

A grande maioria das peças que constituem o acervo do Museu Histórico de Cabaceiras foram doadas por moradores e famílias da cidade, que buscavam “deixar registrada a memória e a lembrança de entes queridos para a posteridade”, segundo nos falou Paulinho. Percebemos a dimensão funcional, descrita por Nora (1993), “pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão”, desse modo cristalizava-se na memória dos cabaceirenses a história das peças que eram a história de seus próprios familiares, como dia Ennes (2008, p.22) essa seria uma busca de parar o tempo, uma luta contra a finitude humana.

Sobre a questão de doações de peças para museus, Carvalho e Lima (2013) fala que “fazer uma oferta ao museu é uma forma de apropriação física do espaço público e de ressignificação dos sentidos que esta instituição propaga (p. 92)”, este seria o significado social que estaria investido o ato de doar.

Essa apropriação do espaço público faz com que pessoas tidas como comuns, e que antes estavam à margem da sociedade busquem doar peças para museus, desse modo essas famílias ganham notoriedade, passam a constituir a história local, como afirma Barreto (2000) isso faz parte do processo de renovação dos museus de história que fazem ressurgir o homem comum das sombras, tendo em vista que até bem pouco tempo atrás apenas as famílias de elite, as classes dominantes apareciam na história.

Ainda sobre a aquisição do acervo do Museu Histórico e Cultural de Cabaceiras, fomos relatado que algumas peças foram compradas e outras foram doações conseguidas juntas a uma escola do Município, que por volta do ano 2000 realizou uma gincana na qual os alunos deveriam conseguir doações de “coisas velhas” com seus familiares, assim essas peças passaram a constituir parte do patrimônio da escola, sendo no ano de 2002 doadas para o referido museu.

Ao todo, mais de trezentas peças foram adquiridas, entre doações e compras, as quais foram, segundo nos contou Paulinho, e Noberto, registradas em um livro, no qual constavam

as informações acerca da peça sendo devidamente catalogadas e organizadas no espaço do museu, pela equipe já mencionada anteriormente.

No que diz respeito ao tal livro, tanto Paulo Noberto de Castro quanto Paulinho de Cabaceiras afirmaram que o mesmo foi impresso e ficava nas dependências da sala da administração do museu. Hoje tal livro não faz mais parte da instituição, o mesmo sumiu sem que ninguém soubesse dar informações acerca de seu paradeiro.

Na referida organização do museu, foi realizada uma tentativa de uma leitura da história do município de Cabaceiras a partir de uma linhagem cronológica, começando pelos brasões das famílias fundadoras, o que se tornou impossível continuar, pois faltou dinheiro para a aquisição de tais peças. Alguns brasões ainda foram angariados, mas com pouco tempo sumiram, e ninguém soube dar informações acerca do paradeiro dos mesmos, assim nos disse Paulinho.

Conforme diz Paulo Noberto de Castro, o Museu ainda foi organizado cronologicamente, seguindo uma organização linear que contava a história de Cabaceiras para os visitantes, organização esta pautada e guiada pelo regimento interno da instituição, regimento este elaborado pelo próprio. A dificuldade financeira, a verba sempre pouca para a Divisão de Cultura, o orçamento apertado da prefeitura são falas constantes que dificultam o trabalho voltado para as melhorias no Museu Histórico e Cultural de Cabaceiras.

Paulinho de Cabaceiras e Paulo Noberto de Castro falaram que o museu passou por alguns momentos até se concretizar a instituição. Chamamos de momentos, ou poderíamos chamar de fases, esses períodos nos quais se revezaram equipes na elaboração do trabalho.

No primeiro momento, participaram dos planejamentos Paulo Norberto, então chefe da Divisão de Cultura, juntamente com o prefeito Arnaldo Junior, bem como Balduino Lélis. Essa equipe deliberava acerca do local adequado, do que era preciso conseguir, enfim, questões iniciais, introdutórias a execução do projeto. É importante destacar que estas atividades e todo o projeto de elaboração e construção do referido Museu foi financiado por recursos próprios municipais em parceria com o Governo do Estado, não houve participação da Prefeitura em editais.

Foi a partir desse primeiro momento que se decidiu o local que sediaría o Museu. Nos falou Paulo Noberto de Castro que foi feito um apanhado geral sobre os prédios históricos de Cabaceiras e como diria Ennes (2008, p,12) “certamente os edificios de museus fazem parte do patrimônio cultural das cidades”, chegaram a conclusão que o melhor local seria a Antiga cadeia, pois esta já estava desativada havia mais de dois anos. Como este edificio não continha as dimensões necessárias para abrigar o Museu, foi decidido que a casa ao lado, a

residência oficial dos prefeitos, também iria compor o complexo do Museu Histórico e cultural de Cabaceiras.

Sobre a aquisição dos referidos locais, Paulo Noberto nos contou que para conseguirem a autorização do governo do Estado para utilizarem a Antiga Cadeia foi necessário um aparato burocrático enviando ofícios e fazendo visitas ao Governo estadual, tendo em vista que tal edifício pertencia a esse poder. Em relação a residência dos prefeitos foi mais fácil a concessão, tendo em vista que o próprio gestor municipal estava fazendo parte da equipe que montou o Museu de Cabaceiras.

Cabe aqui um pequeno histórico sobre essas edificações para depois retornarmos aos outros momentos de criação do museu. O primeiro prédio, a Antiga Cadeia, foi construído por volta da década de 1870, na gestão de Antonio Barros de Leira Junior, por muito tempo serviu de prisão para detentos de várias cidades do cariri, sendo até chamado da Bastilha do cariri. Conta os relatos orais, inclusive Paulinho escreveu um cordel⁷ acerca, que no ano de 1910 este prédio foi invadido pelo bando de Antonio Silvino, cangaceiro muito atuante nesse município e redondezas, e que o mesmo ateou fogo na prisão para libertar dois presidiários.

Em relação ao segundo edifício, a antiga residência oficial dos prefeitos, é um casarão que remonta ao início do século XX, com um estilo arquitetônico neoclássico, como a maioria dos prédios do centro histórico da cidade, como o próprio nome diz, abrigou por vários mandatos prefeitos dos mais variados períodos da história cabaceirense. Muitas pessoas de Cabaceiras vêm nesses locais espaços de recordação do passado, lugares de memória, pois ao visitarem o museu recordam-se de fatos passados ali.

O segundo momento que nos referíamos, pelo qual passou o processo de concretização do museu, se deu já no ano de 2003, quando vieram trabalhar na instituição George Gomes e Izabel Castro, estes foram contratados na condição de Historiadores do Museu. Nessa fase intensificaram-se os estudos acerca das peças, uma vez que as mesmas foram catalogadas nessa época. Foi decidido que o Museu seria chamado de Museu Histórico e Cultural dos Cariris Paraibanos, ficando-se inclusive uma placa com estes dizeres, tendo em vista que as peças do acervo poderiam contar muito bem o cotidiano de quaisquer cidades do cariri, muito embora as doações fossem apenas de pessoas e famílias cabaceirenses.

Um terceiro e último momento teve início no ano de 2004. Ano este em que o Museu fechou as portas, passando por um período de um ano desativado, sendo o mesmo reativado

⁷ O ataque de Antônio Silvino a Villa Federal de cabaceiras. Cordel escrito por Paulinho de cabaceiras no ano de 2007.

no dia 1 de agosto de 2005, agora sob uma nova direção, quem agora era diretor da instituição era Paulo Sérgio Guimarães de Aguiar Campos.

Paulinho ao assumir tal cargo achou o museu em estado de abandono, sem nenhuma organização das peças, então o mesmo reorganizou o acervo dando-lhe o aspecto que ainda hoje apresenta, inclusive a mesma leitura. Outro fato é que a partir de então o espaço da Antiga Cadeia deixou de ser parte integrante do Museu, restringindo este apenas a antiga morada dos prefeitos.



Figura 1 Antiga Casa dos prefeitos, hoje Museu Histórico e Cultural de Cabaceiras



Figura 2 Antiga Cadeia e antigo Museu, hoje sede do Ponto de cultura

3.3 AS NARRATIVAS DESCONTÍNUAS DE UM MUSEU

No tópico anterior discutimos a questão da criação do Museu Histórico e Cultural de Cabaceiras analisando, desde o decreto de implantação do mesmo, até os depoimentos de dois ex-diretores da instituição. A partir disso pudemos entender algumas peculiaridades desta instituição, observando existir uma distância entre proposta original do museu e sua atual realidade. Discutiremos isso com mais detalhamentos.

Originalmente, o projeto do museu seguia um organograma pelo qual o visitante era guiado por condutores locais. Neste mapa tínhamos a seguinte organização: recepção, na qual o visitante era recebido pelas condutoras; sala de exposição, voltada para a venda de artesanato; havia uma sala exclusiva para a direção do museu; outra chamada Cabaceiras atual; uma específica para os fósseis; a sala dos aspectos cotidianos; sala da religiosidade, que falava sobre a igreja católica e protestante no município; galeria dos prefeitos; sala de reuniões; biblioteca; uma sala voltada para as famílias cabaceirenses; reserva técnica e

restauração; cenografias; um pátio para eventos e a antiga cadeia pública, na qual estava registrada a genealogia do bode e a história de Antônio Silvino.

Destacamos que não tivemos conhecimento do museu nesse período, e toda a descrição que fazemos parte das entrevistas realizadas com os ex-diretores. Também não tivemos acesso a fotos do museu nesta época.

Observando a descrição que acabamos de tecer, traçamos um paralelo com o atual museu em Cabaceiras e percebemos que houve uma mudança significativa em relação a esses períodos.

O museu atualmente conta com apenas oito salas, das quinze que existiam originalmente. Uma parte do acervo do museu em estudo não encontra-se mais presente na instituição, enquanto o espaço físico também foi diminuído, lembrando que a Antiga Cadeia deixou de ser parte integrante do Museu.

Na atual organização temos uma recepção; uma sala de artesanatos; um espaço dedicado ao bode rei; a sala dos fósseis; espaço dos aspectos cotidianos; da religiosidade; sala da política e uma sala nova, na qual foi construída uma representação de uma cozinha do início do século XX, sala esta organizada em 2013.

Com esta descrição o que queremos mostrar são as mudanças que o museu passou ao longo do tempo, o que acaba também acarretando na mudança da narrativa que o museu propõe.

É importante que observemos sua estrutura física, uma vez que o espaço da exposição “pressupõe um projeto museográfico que carrega no seu bojo outros projetos como arquitetônico e luminotécnico, gráfico e *design* dos suportes e outros elementos, que, junto com as pesquisas, formam um conjunto de informações e definições que a geram”. (ENNES, 2008, p.15).

Percebemos com esta citação de Ennes, que ao se formular um espaço para a exposição das peças do museu o mesmo deve ser trabalhado com cuidado para não cometerem erros que interfiram no processo de informações que a exposição pretende passar para o visitante.

Dentro da exposição às peças não falam por si só, como pretendia Gustavo Barroso com a construção do Museu Histórico Nacional, mas constituem, em conjunto com todo o espaço do museu, uma narrativa que é contada também a partir da experiência do visitante. No museu Histórico e Cultural de Cabaceiras quando o visitante chega é recepcionado por uma condutora local, que faz uma breve contextualização do que será visto pela pessoa, tentando contribuir dessa forma para o entendimento da narrativa que o museu se propunha a

passar, tendo em vista que a organização do referido órgão hoje encontra-se mudada em relação ao organograma existente na recepção.

O Museu de Cabaceiras hoje em dia não conta a história da cidade de forma cronológica, como propunha Paulinho de Cabaceiras em fala já mencionada anteriormente. Nas salas de exposições propriamente ditas, percebemos que há um determinado número de peças que são do município, mas que não obedecem a uma determinada ordem.

Como dissemos anteriormente, o livro no qual fora registrado e catalogado o acervo sumiu, fato este que torna mais difícil o processo de conhecimento das peças que constituem a exposição. Temos várias destas peças expostas sem nenhuma informação sobre as mesmas, informações estas que são passadas apenas pelo pessoal que trabalha no museu.

Todavia, mesmo com estas dificuldades percebemos que a magia envolvida nas peças, juntamente com as explicações que são dadas, proporcionam uma viagem ao tempo a muitos visitantes, tanto a jovens quanto a pessoas mais velhas, estes pelo fato de terem vivenciado experiências com peças similares às expostas, aqueles por perceberem a diferença existente entre duas épocas, ora “estes objetos que dividem com a narrativa o esclarecimento e auxiliam a compreensão tornam possível a elaboração de um discurso fundamentado que, possibilita uma infinidade de leituras” (Idem, p.15), vemos nesta perspectiva que o museu consegue propor o que é definido pelo Ibram: ser “uma porta que liga e desliga mundos”.

Mesmo compreendendo esta importância que o acervo apresenta, percebemos uma falha que necessita de correção no Museu Cabaceirense, pois como diz Ennes (2008, p. 42) “é necessário determinar um tema e o conteúdo, delimitar um espaço e adequar suas necessidades, construir uma narrativa com signos significantes, significado e sentido”, no caso desse museu, este tema foi proposto: História Local, no entanto não é possível fazer uma leitura histórica de Cabaceiras no interior do mesmo.

O museu de caráter histórico deve proporcionar para as pessoas do local no qual está inserido o sentimento de identidade de pertencimento, segundo Alves (2009) deve trazer para dentro de suas paredes a história da cidade que representa. Neste sentido questionamos, será que o cidadão cabaceirense se identifica com a narrativa passada pelo Museu local? Ao passo que tomamos a liberdade de responder e afirmar que não, não há essa identidade, até porque o movimento de visitação de cabaceirenses a esta instituição é mínima, resumindo-se praticamente a visitas escolares, isso observamos analisando o livro de registro de visitas do museu e em conversa com as condutoras que trabalham no local.

Deste modo, concluímos nossa análise em relação ao Museu Histórico e Cultural de Cabaceiras, observando a estrutura no qual o mesmo está organizado, chegando a perceber

que o mesmo serve como um lugar de memória, no qual “as memórias individuais e familiares encerram um ciclo oferecendo-se como lugar de memórias coletivas” (CARVALHO E LIMA, 2013), ao passo que entendemos que a missão de ser Museu Histórico e Cultural está em débito com a proposta, e que faltam algumas melhorias para de fato concretizar tal finalidade.

Existe um documento organizado pelo Ibram, o qual é chamado de *Subsídios para a criação de Museus Municipais*, nele são destacados alguns documentos e pontos básicos para um bom funcionamento dos museus. Destacaremos alguns.

Ao analisar o tal manual, decidimos elencar quatro pontos, dentre vários existentes no referido documento, que consideramos fundamentais para um bom funcionamento de um museu, os quais são *estatuto, regimento interno, plano museológico e organograma*. Em relação ao Museu Histórico de cabaceiras, ambos os entrevistados afirmaram que nunca foi elaborado um estatuto para a instituição, bem como também nunca houve um plano museológico. Fato este que põe um pouco em dúvida ou em xeque o caráter da instituição em ser realmente tratada como museu, isso dentro dos padrões do Ibram.

No que diz respeito aos outros dois pontos, segundo nos falou os ex-diretores, no Museu em estudo havia sim um regimento interno e um organograma. O tal regimento não tivemos conhecimento, mas o organograma ainda está no museu, só que não mais é seguido a sua leitura.

4. CONCLUSÃO

As discussões em torno do conceito de museu tem sido alvo de estudo para diversos intelectuais nos últimos anos, bem como as narrativas apresentadas a partir de suas exposições. Partindo dessa premissa, buscamos estudar as narrativas perpassadas pelo Museu Histórico e cultural de cabaceiras, chegando à conclusão de que o mesmo não tem conseguido arcar com sua proposta original.

Foi notório que a História de Cabaceiras não pode ser apreendida pelo visitante. O que existe são diversas peças organizadas de forma aleatória, o que acarreta em um problema para a instituição, tendo em vista que o visitante ao visitar o local, não conseguirá compreender qual o objetivo que o mesmo quer passar, não compreenderá a narrativa proposta pelo museu, até por que o próprio museu não tem uma narrativa definida.

Embasado na nossa pesquisa e a partir das entrevistas realizadas, chegamos à conclusão que a falta de documentação acerca do museu, o fato do mesmo ter permanecido

fechado por um ano e o sumiço de peças, acarretaram para o atual estado em que se encontra a instituição.

Mesmo com todas as dificuldades e problemas detectados, percebemos que o Museu Histórico e Cultural de Cabaceiras tem sido um lugar de memória muito importante para a cidade e para os visitantes, uma vez que o esforço do pessoal que trabalha em tentar passar uma narrativa para o visitante, junto com as peças expostas tem proporcionado uma porta aberta, um elo entre passado e presente para muitos que por ali passam.

O nosso estudo buscou fazer esta análise para que pudéssemos perceber em qual estado se encontra o museu da cidade, bem como pretende ser uma porta aberta para novas pesquisas relacionadas a esta temática ainda pouco explorada em nossa cidade, contribuindo desta maneira para a historiografia cabaceirense.

5. REFERÊNCIAS

ALVES, Rafael da Silva. **O Museu da Inconfidência: Jogo de espelhos entre a historiografia e a museografia**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2009.

BARRETO, Margarita. **Turismo e legado cultural: As possibilidades do planejamento**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

CARVALHO, Vânia Carneiro de; LIMA, Solange Ferraz de. **Cultura material e coleção em um museu de história: as formas espontâneas de transcendência do privado**. In:----- Figueiredo, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves, (Organizadoras). *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. 2 ed. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013. (pp. 89-118).

CHAGAS, Mário de Souza; NASCIMENTO JUNIOR, José do (organizadores). **Subsídios para a criação de Museus Municipais**. Rio de Janeiro, RJ: Ministério da Cultura/ Instituto Brasileiro de Museus e Centros Culturais/Departamento de Processos Museais, 2009.

CHIAROTTI, Tiziano Mamede. **Museu histórico: breve contextualização e função social**. In: Caderno de Pesquisas – Museu Histórico de Anápolis “Aldérico Borges de Carvalho”, Ano 1, nº. 1. Anápolis, Go, 2009. (pp. 7-12).

CUNHA, Marcelo Bernardo da. **A Exposição Museológica Como Estratégia Comunicacional: o tratamento museológico da herança patrimonial**. In: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas – UNIGRANRIO. Vol. 1. Num. 1. 2010. (pp. 109-120).

DEFINIÇÃO DE MUSEU. Disponível em: <http://museuhoje.com/app/v1/br/menu-museus/56-definicaodemuseu> Acesso em 27 de maio de 2015, as 19 horas.

DENIS, Pe. Léo. **Cabaceiras: 1935 – 1985**. Cabaceiras, PB. 1985.

ENNES, Elisa Guimarães. **Espaço construído: o museu e suas exposições**. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio)- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO / Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST. Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2008.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. **A Memória Pública: Os Lugares de memória**. In: Memória, Patrimônio e Identidade. Boletim 04 de abril de 2005. TV Escola, 2005.

JULIÃO, Leticia. **Apontamentos sobre a História do Museu**. In: Caderno de Diretrizes Museológicas I. Brasília: Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Departamento de Museus e Centros Culturais; Belo Horizonte, MG: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2 ed. 2006.

LMEOS, Carlos A. C. **O que é Patrimônio Histórico**. 5 ed. (coleção primeiros passos) São Paulo, SP: Brasiliense, 2004.

NORA, Pierre. **Entre memória e História: a problemática dos lugares**. Tradução de KOURY, Yara Aun. In: Projeto História. São Paulo: 1993.

O QUE É MUSEU. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/os-museus/o-que-e-museu/>
Acesso em 27 de maio de 2015, as 19 horas e 30 min.

POULOT, Dominique. **Museu e Museologia**. Tradução de Guilherme Hoão de Freitas. Belo Horizonte, MH: Autêntica Editora, 2013.

RODRIGUEZ, Janete Lins; BEZERRA, Celeida Pereira. **Conhecendo o Cariri: São João do Cariri, Serra Branca e Cabaceiras**. Recife, PE: Gráfica Liceu, 2000.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **A escrita do passado em museus históricos**. Rio de Janeiro: Garamond/MinC/IPHAN/DEMU, 2006.

SEBRAE. **Cabaceiras: Diagnóstico Sócio-econômico**. João Pessoa, PB: SEBRAE, 1997.

SUANO, Marlene. **O que é museu**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1986.

6. FONTES

6.1. DOCUMENTOS OFICIAIS

Decreto nº 039/2002 de 11 de novembro de 2002. Dispõe sobre a implantação do Museu Histórico e cultural de Cabaceiras.

6.2. ENTREVISTAS

Paulo Noberto de Castro Silva, Pesquisador e Historiador. Entrevista realizada no dia 6 de junho de 2015, às 17 horas.

Paulo Sérgio Guimarães de Aguiar Campos. Pesquisador, Poeta, Historiador e Memorialista. Entrevista realizada no dia 1 de maio de 2015, às 16 horas.

ABSTRACT

This work is the result of an analysis carried out with the Historical and cultural Museum of Cabaceiras aiming to understand which are the narratives that the same transmits for the visitors. Throughout the text, it was made a general review about the origin of museums, as also a theoretical and methodological discussion to know some fundamentals concepts to understanding the study. Terms like Cultural Heritage, Places of Memory, Narratives, Historical Museum are essentials for understand this writing. Authors like Pierre Nora (1993), Elisa Guimarães Ennes (2008), Rafael da Silva Alves (2009), Myrian Sepúlveda dos Santos (2006), among others, were important for the understanding of such concepts. It was made also a description of the object of study, analyzing from the training process to the physical structure of the museum. It sought to contribute to the studies on the field of museums, including the narratives that pass and collaborate for future researches in this area of knowledge, considering that this is a pioneer study on this issue in the city of Cabaceiras.

KEY WORDS: Historical Museum of Cabaceiras, Narratives, Memory.